



ONDE O DESVIO BUSCA ABRIGO: A REVISTA CULTURAL ENQUANTO USINA DA ATIVIDADE CRÍTICA

Cristiano Pinheiro de Paula Couto*

Universidade de Coimbra – Centro de Estudos Sociais

cristianoppc@ces.uc.pt

RESUMO: As revistas político-culturais da América Latina formam incontestável *locus* de “sociabilidade intelectual” e fecundo meio de propagação de ideias. Imersas nos grandes movimentos da história, atuam como laboratórios da crítica e como protagonistas de muito daquilo que sacode a vida política e cultural do subcontinente. Na qualidade de instrumento de mediação cultural, por excelência, rendem um tributo ao presente, ao passo que retêm invariável determinação de intervir para modificá-lo. Este ensaio propõe uma análise das revistas culturais enquanto objeto de estudo da história intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: Periodismo político-cultural – História Intelectual – Crítica Cultural – América Latina

WHERE DEFLECTION HAVE A REFUGE: CULTURAL JOURNALS AS A FORGE FOR CRITICISM

ABSTRACT: The cultural journals in Latin America have been an incomparable locus of intellectual sociability, providing a powerful way to spread ideas. Immersed in critical historical moments, the Latin American cultural journals acted as laboratories of criticism and as protagonists to crucial events in subcontinent politics and culture. As an instrument of cultural mediation par excellence, they pay tribute to the present, retaining an invariable determination to intervene to modify it. This essay proposes an analysis of cultural journals as an object of study of Latin American Intellectual History.

KEYWORDS: Cultural journals – Intellectual History – Cultural Criticism – Latin America

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi pesquisador visitante no Ibero-Amerikanisches Institut (IAI) de Berlim e na College of Arts and Letters da Michigan State University (MSU). Foi pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Concluiu recentemente estágio de pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC). Integra o grupo "Estudos Literários Interamericanos e Transatlânticos", inscrito no diretório do CNPq, e o grupo "Cultura, Identidades e Poder" do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (NOVA).

A fundação de revistas culturais¹ tem representado, na história da América Latina, ato de afirmação de identidades coletivas e de projetos ideológicos/estéticos, o que faz do periodismo político-cultural, lugar social coalhado de relações de poder, instrumento privilegiado para a análise da constituição e das transformações do pensamento crítico latino-americano, bem como para o estudo das “formações”² e “redes intelectuais”³ que eventualmente se criaram no interior ou na periferia desses projetos agregadores. Podem-se auscultar, nas publicações efêmeras ou duradouras que agitaram a vida cultural do subcontinente, as tensões, fraturas, concórdias e reconciliações que plasmaram visões do mundo dominantes e aquelas que se posicionaram no espaço do dissenso. Pode-se dizer, nos termos de Raymond Williams, que, para cada época histórica, há revistas hegemônicas, contra-hegemônicas e residuais.⁴ Umas e outras desempenharam função crucial no desenvolvimento da moderna cultura latino-americana.

Tanto os dutos estimuladores da *doxa*, como os canais que infundiram ânimo aos valores contrários ao discurso social hegemônico, passaram pelas revistas culturais da América Latina, o que, por habilitar a produção e circulação dessas ideias, faz desse tipo de publicação um suporte material em que a história intelectual latino-americana pode encontrar abundantes chaves de análise. Uma vez que as revistas são veículos por meio dos quais se expressam coletivos humanos, quer sejam políticos, quer sejam literários, artísticos, acadêmicos ou filosóficos, sua produção perpassa todas as esferas da cultura.⁵ Enquanto coletivo intelectual, as revistas culturais, tal como encaradas por

¹ Na definição de Antonio Checa Godoy, “revistas culturais são aquelas publicações periódicas que não se dedicam somente a tratar de temas literários, mas, também, de uma grande variedade de assuntos relacionados com o cultural, como ciência, história, política. Temporalmente, na América Latina, tiveram sua aparição entre a segunda e terceira décadas do século XX.” Cf. GODOY, Antonio Checa. **Historia de la prensa en Iberoamérica**. Sevilla: Alfar, 1993, pp. 501-507.

² WILLIAMS, Raymond. “A fração Bloomsbury”. **Plural**; Sociologia, USP, São Paulo, 1999, nº 6, pp. 139-168

³ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **Redes intelectuales en América Latina**. Hacia la constitución de una comunidade intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados, 2007. 267 p.

⁴ Por considerá-las epistemologicamente insatisfatórias, Raymond Williams abandona as noções de continuidade e de tradição, preferindo pensar na interrelação entre três níveis/graus que disputam a organização contemporânea das ideias, valores e noções do passado: dominante, emergente e residual. As considerações de Williams sobre essa interrelação conflituosa podem ser encontradas na entrevista concedida a Beatriz Sarlos, publicada em *Punto de Vista*. SARLO, Beatriz. “Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad”. **Punto de Vista**, Buenos Aires, 1979, nº 6, p. 13.

⁵ TARCUS, Horacio. “Introducción: Las revistas culturales argentinas”. In: TARCUS, Horacio (Org.). **3/ Catálogo de revistas culturales argentinas (1890–2006)**. Buenos Aires: CEDINCI, 2007, p. 12.

Beatriz Sarlo,⁶ costumam intervir na esfera pública com uma proposta de reorganização da tradição política e cultural. De certa forma, poder-se-á encará-las, portanto, como cifras dessa tradição.

Por ser uma das “armaduras essenciais do campo intelectual”, um “viveiro intelectual”, como propôs François Dosse,⁷ ou uma “estrutura elementar da sociabilidade”, como sugeriu Sirinelli,⁸ o estudo de uma revista poderá revelar a dimensão política e a vida intelectual de uma época. Aquilo que François Dosse identificou como aspiração constante da revista *Esprit*, fundada pelo filósofo Emmanuel Mounier, no início dos anos trinta, pode ser entendido, de modo geral, como anseio de qualquer revista político-cultural: “assegurar uma presença em seu tempo, oferecer uma resposta ao evento, deixar-se sacudir por ele.”⁹ Uma revista é, ademais, um lugar de recrutamento e de consagração de discursos, de posições estéticas e teóricas, e, como tal, requer uma certa abordagem histórica que leve em conta alguns parâmetros:

A aproximação histórica de um lugar de sociabilidade, como uma revista, não pode evitar o impasse de numerosos parâmetros, incluindo os posicionamentos teóricos, os modos de adesão política, assim como a parte afetiva e emocional de toda vida coletiva.¹⁰

Como anotou José Aricó, no editorial do primeiro número da revista *Pasado y Presente*, “toda revista es siempre la expresión de un grupo de hombres que tiende a manifestar una voluntad compartida, un proceso de maduración semejante, una posición común frente a la realidad”.¹¹ Inscrevendo-se em uma genealogia, as revistas representam grupos e proporcionam uma plataforma, um lugar social de enunciação em que se constroem identidades coletivas autoatribuídas. Unidos por um “corpo de

⁶ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”. *América*, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1992, nº 9-10, p. 13.

⁷ DOSSE, François. **La marche des idées**: Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: Éditions La Découverte, 2003, pp. 52-53.

⁸ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 248.

⁹ DOSSE, François. **La marche des idées**: Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: Éditions La Découverte, 2003, pp. 52-53.

¹⁰ Ibid., p. 57.

¹¹ ARICÓ, José. “Pasado y Presente”. **Pasado y Presente**. Revista Trimestral de Ideología y Cultura, Córdoba, 1963, nº 1, p. 1.

práticas ou um *ethos* que os distinguem”,¹² esses grupos, por sua vez, situam-se no campo de forças em cujo interior se digladiam com seus congêneres em busca de reconhecimento e primazia ideológica e cultural. Quanto maior a força de atração que cada qual exerce nesse campo embebido em relações de poder, tanto mais eficiente será sua capacidade de influenciar o espaço público no qual atuam:

Conhecer as revistas e analisá-las, em seus vínculos com o contexto em que circularam, significa acompanhar sua trajetória e a luta – silenciosa ou veemente, vitoriosa ou não – que desenvolveram pela consolidação de um espaço próprio no terreno político-cultural. Os grupos representados em cada uma delas buscaram não apenas atrair determinadas parcelas do público, como conquistar legitimidade cultural e política suficiente para difundir e, eventualmente, implantar suas idéias e projetos.¹³

Se a figura do intelectual emergiu na altura em que a esfera pública moderna começava a balbuciar, as revistas foram, e têm sido possivelmente, desde então, sua assembleia mais concorrida, seu lugar de tertúlia mais disputado. Como sugeriu Roxana Patiño: “Intelectuales y revistas son una dupla de presencia revulsiva en el imaginario de la modernidad”.¹⁴ Ágora volátil do confronto de ideias e veículo, por definição, de intervenção no espaço público, as revistas vêm tendo, quase indiscriminadamente, uma pretensão modernizante indissimulável. Embora haja aquelas que se posicionaram na retaguarda (*L’Action Française, Anauê, A Ordem, A Offensiva* etc), a maioria almejou ostentar, salvaguardar e por vezes disputar a marca da modernização (*Klaxon, Marcha, Contorno, Origínes, Sur, Orpheu, Amauta, Raiz & Utopia, Les Tempes Modernes* etc). “*Hijas de la modernidad* y de la constitución de la esfera pública más temprana”,¹⁵ “laboratorios de ideas”,¹⁶ as revistas culturais podem oferecer ao pesquisador, seja como fonte, seja mesmo como objeto de investigação, a oportunidade de aceder a uma instância de construção e desconstrução de discursos, de revisão crítica, consagração de

¹² WILLIAMS, Raymond. “A fração Bloomsbury”. **Plural**; Sociologia, USP, São Paulo, 1999, nº 6, p. 140.

¹³ CRESPO, Regina Aída. “Produção literária e projetos político-culturais em revistas de São Paulo e da Cidade do México, nos anos 1910 e 1920”. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, 2004, nº 208-209, p. 682.

¹⁴ http://www.insula.es/sites/default/files/articulos_muestra/INSULA%20715-716.htm, último acesso: 17/04/2017.

¹⁵ http://www.insula.es/sites/default/files/articulos_muestra/INSULA%20715-716.htm, último acesso: 17/04/2017.

¹⁶ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”. **América**, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1992, nº 9-10, p. 14.

valores, constituição de cânones, produção e reprodução de ideias, quando não de expurgos e animosidades, um espaço, um “entrelugar” que reflete a sensibilidade social e cultural de uma época:

[...] ninguna historia cultural o literaria podría prescindir – a riesgo de cortar un riquísimo tejido de religaciones – del recorrido por ese ‘entrelugar’, esa multiplicidad de fragmentos que es más que la suma de todos ellos y cuya riqueza habilita una lectura compleja de una sensibilidad social y cultural de una época.¹⁷

“Publiquemos una revista”.¹⁸ Este apelo terá sido pronunciado incontáveis vezes por um intelectual latino-americano aos seus pares. Entre as “estruturas elementares da sociabilidade”, as revistas são “um lugar precioso para a análise do movimento das idéias”.¹⁹ Em registro benjaminiano, Mabel Moraña sugeriu que a revista “es una pieza central tanto en la reproductibilidad técnica de relatos, programas y discursos, como en el fortalecimiento o debilitamiento de su auratización”.²⁰ Jean-Marie Domenach, autor do troante livro “La Propagande Politique” e diretor da revista *Esprit* por quase vinte anos, de 1957 a 1976, observou que: “[...] a revista é a melhor ferramenta para a intervenção nos domínios da cultura e da ideologia, por três razões principais: sua periodicidade, diversidade e flexibilidade.”²¹ Entendida como suporte básico, material e social, da produção de proposições e relatos que circulam no espaço público moderno, a revista pode ser considerada *corpus* documental por excelência:

[...] las revistas abren una fuente privilegiada para lo que hoy se denomina historia intelectual. Instituciones dirigidas habitualmente por un colectivo, informan sobre las costumbres intelectuales de un período, sobre las relaciones de fuerza, poder, prestigio en el campo de la cultura, relaciones y costumbres que no repiten de manera simple las que pueden leerse en los libros editados contemporáneamente.²²

¹⁷ http://www.insula.es/sites/default/files/articulos_muestra/INSULA%20715-716.htm, último acesso: 17/04/2017.

¹⁸ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”. *América*, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1992, nº 9-10, p. 9.

¹⁹ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 249.

²⁰ MORAÑA, Mabel. “Revistas culturales y mediación letrada en América Latina”. *Otra Travessia*, Ilha de Santa Catarina, 2003, nº 40/1, p. 68.

²¹ DOMENACH, Jean-Marie. “Entre le prophétique et le clerical”. *La revue des revues*, Paris, 1986, nº 1, p. 21.

²² SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica. Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970”. *América*, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1992, nº 9-10, p. 15.

A HISTÓRIA INTELECTUAL E O ESTUDO DE REVISTAS

Há uma forte inclinação, no âmbito das pesquisas que têm sido realizadas sobre revistas culturais, para o salutar “contágio”, pelo desdém em relação a fronteiras, mais institucionais do que propriamente essenciais, entre diferentes disciplinas. Por essas franqueáveis zonas limítrofes, vão-se trocando conceitos, objetos e instrumentos de análise, múltiplos vieses que tornam o estudo das revistas culturais espaço fermental de diálogo e de convergência interdisciplinar. A historiografia tem participado desse diálogo, por meio de contribuições com origem em alguns de seus ramos, como a história intelectual e a história política.

Como reconhece Regina Aida Crespo: “Na América Latina, foram principalmente os pesquisadores provenientes da crítica e da história literária os responsáveis por fazer das revistas um objeto de estudo sistemático.²³” Se a análise crítica de revistas culturais, como fontes primárias e objetos de interesse para o estudo mais amplo da história, encontrou, no Brasil, até à década de 1970, obstáculos em preconceitos de distintas ordens, permanecendo por muito tempo sob suspeição,²⁴ com as repercussões dos vários abalos epistemológicos que, no século XX, renovaram o polimorfo universo das ciências humanas, entre os quais se deve contar, particularmente, a virada linguística (*linguistic turn*, *semiotic challenge*), a historiografia debruçou-se com interesse sobre esse “laboratorio donde se experimentan propuestas estéticas y posiciones ideológicas”.²⁵

No estágio em que se encontra, marcado por questionamentos e reformulações, a história intelectual ou história dos intelectuais, com sua vocação globalizante e sua característica “indeterminação epistemológica”,²⁶ parece ser um rebento quase inclassificável da historiografia no curso da ascensão da transdisciplinaridade, do

²³ <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>, último acesso: 17/04/2017.

²⁴ LUCA, T. R. de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-117.

²⁵ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”. **América**, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1992, nº 9-10, p. 14.

²⁶ DOSSE, François. **La marche des idées**: Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: Éditions La Découverte, 2003, p. 299.

declínio dos saberes totalizantes e da superespecialização. Em harmonia com esse contexto, a história intelectual, segundo Ricardo da Silva, “consiste em uma prática disciplinar particularmente ardua ao império de ortodoxias”.²⁷ Mesmo que tenha formado um campo autônomo de estudos,²⁸ seu *corpus* teórico e metodológico ainda caracteriza-se por certa turvação, com parâmetros pouco precisos, o que faz dela uma disciplina que ronda as raias do indecível. Acaso será essa indecidibilidade produto daquela crise, ainda não superada, talvez, sobre a qual Dominick LaCapra²⁹ fez considerações em seu conhecido artigo? Ou terá sua etiologia em algum fenômeno obscuro engendrado pelo mal-estar da condição pós-moderna,³⁰ pela forte propensão desregulamentadora que essa condição possui e leva ao paroxismo? Seja como for, essa crise não aparenta ser privilégio da história intelectual, mas, antes, co-produto daquelas repercussões que operaram mudanças em várias dimensões das ciências humanas.

Na busca de alguma sistematização, talvez, Carlos Altamirano, reconhecendo essa paisagem baça, esboçou um programa para pesquisas sobre história intelectual.³¹ No seu delineamento, sugeriu, sob os marcos de uma perspectiva que lança mão da pluralidade, a conjunção de três subáreas do conhecimento histórico para o estudo da história intelectual, quais sejam: “História política, História das elites culturais e análise histórica da ‘literatura das idéias’”.³² Altamirano oferece, aqui e ali, pistas oportunas sobre a investigação da história intelectual. Pinça, com exatidão, um comentário que lhe serve como postulado geral:

Se a vida social não possui uma estrutura simbólica, não é possível compreender como vivemos, como fazemos coisas e projetamos essas atividades em idéias, não há como compreender de que modo a realidade possa chegar a ser uma idéia, nem como a vida real possa produzir ilusões.³³

²⁷ DA SILVA, R. V. . “O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo”. **Dados** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2010, nº 2, p. 326.

²⁸ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 232.

²⁹ LACAPRA, Dominick. “Rethinking intellectual history and reading texts”. **History and Theory**, 1980, nº 3, p. 245.

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

³¹ ALTAMIRANO, Carlos. “Idéias para um programa de história intelectual”. **Tempo Social**, São Paulo, 2007, nº 1, pp. 9-17.

³² Ibid.,p. 10.

³³ RICOUER, 1991 apud ALTAMIRANO, Carlos. “Idéias para um programa de história intelectual”. **Tempo Social**, São Paulo, 2007, nº 1, p. 10.

Partindo dessa consideração enigmática e expressiva, a que recorre como mote, e entendendo a história intelectual como uma chave de interpretação das estruturas simbólicas que constituem a vida social e as ideias que a dinamizam, o ensaísta argentino discorre passageiramente sobre a aplicação de métodos e referenciais teóricos dessa ramificação da historiografia no estudo de um suporte particular de enunciação de ideias, isto é, o registro textual, o texto escrito. Vasto terreno para a produção e disseminação deste gênero a que Altamirano, parafraseando Marc Angenot, define como “literatura de ideias”, abundante na América Latina dos séculos XIX e XX, em contexto de formação dos Estados-nação, os textos e por extensão os *loci* que os abrigam são fontes privilegiadas para a pesquisa sobre os processos sociais e intelectuais.

Como exemplo importante dessa “literatura de ideias”, produzida dentro de limites mais restritos e fortemente marcada pelo componente autóctone, faz referência à tradição do ensaísmo de interpretação da realidade latino-americana. Na formação do pensamento social latino-americano e nos momentos subsequentes de seu desenvolvimento foram prolíficas as tentativas de explicação das realidades regionais e de suas dimensões históricas, sociais e culturais. Ora preconizando o impulso modernizador, ora conferindo maior importância ao fortalecimento de matrizes identitárias,³⁴ intelectuais de diferentes países do subcontinente procuraram construir, dentro dos referenciais de cada uma dessas extremidades, sistemas de interpretação dos elementos constitutivos e definidores de suas sociedades. Para retesar o arco da análise e da crítica em favor desta ou daquela polaridade, foi reclamada, infalivelmente, por essas duas tendências do pensamento social da América Latina, uma posição de verdade, de legitimidade discursiva.

Para Altamirano, esse ensaísmo de autodefinição pautou-se nos critérios daquilo que Marc Angenot definiu como discursos “doxológicos e persuasivos”, folgadoamente presentes na classe genérica que o mesmo Angenot traduziu na expressão “literatura de combate” e majoritariamente propensos à valorização do conteúdo moral

³⁴ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento latinoamericano en el siglo veinte**. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000, 335 p.

ou político.³⁵ Entendendo as revistas como um espaço bastante hospitaleiro em relação à determinada classe de discurso que, a título de categorização precária, poder-se-ia designar como “pregação laica”, seria plausível integrá-las nos domínios de uma modalidade de discurso florescida e bastante cultivada na esfera pública moderna, ou seja, a “palavra panfletária”, expressão também cunhada por Angenot, em sua importante contribuição à tipologia dos discursos modernos. A palavra panfletária reveste-se de corporeidade, ora por meio da sátira, ora por intermédio da polêmica. Ambas as materializações adquiridas por essa palavra “beligerante”, seja a ironia, seja a controvérsia, como quer que se prefira denominá-las, têm presença marcante em revistas de cultura, e por vezes, como no exemplo da publicação argentina *Controversia*, podem chegar, mesmo, a intitular uma revista.

Enquanto artefatos produzidos discursivamente sob determinadas condições materiais e subjetivas, cujos produtos também são, reciprocamente, agentes forjadores dessas condições, as revistas culturais são documentos que podem informar sobre a sensibilidade cultural de uma época, sobre o clima político de contextos específicos, além de revelar muitos dos esforços empreendidos desde perspectivas subalternas para a ruptura de “consensos fabricados”,³⁶ mas pretensamente autoevidentes. Do mesmo modo, certamente há aquelas que acompanham a marcha dos que propalam o *continuum* do devir histórico. Tendencialmente programáticas, possuindo e defendendo projetos de intervenção política e cultural como *raison d'être*, estas e aquelas conformam importantes estruturas de sociabilidade e núcleos de organização de formações intelectuais, progressistas ou conservadoras, que derramam tinta para tomar a defesa de variadas visões do mundo, seja destas que se apresentam como anunciadoras do novo, portadoras de um projeto contestatário, seja daquelas já cristalizadas na intersubjetividade, transubstanciadas em políticas culturais dominantes:

Como instrumento de mediación cultural (que actúa en la zona de contacto entre políticas culturales hegemónicas y proyectos alternativos, entre creación artística y grupos receptores, entre el sector intelectual o académico y el lector que es introducido al producto cultural a través de la interpretación o la selección que la publicación le presenta), la revista es casi siempre una *empresa educativa* – política y pedagógica – aunque más no sea por las

³⁵ ANGENOT, 1982 apud ALTAMIRANO, Carlos. “Idéias para um programa de história intelectual”. *Tempo Social*, São Paulo, 2007, nº 1, p. 10.

³⁶ HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **Manufacturing consent**: The political economy of the mass media. New York: Pantheon Books, 2002, 412 p.

maneras en que organiza y filtra los *relatos de identidad* y traza los vínculos entre el campo cultural y sus afueras (regionales, nacionales, internacionales). Es, asimismo, un vehículo del *gusto* de determinados sectores sociales o intelectuales, que buscan proponerlo, difundirlo, legitimarlo, a través de diversas operaciones conceptuales, y de diferentes apuestas estético-ideológicas.³⁷

Encarada como instrumento de mediação cultural, que “organiza e filtra” relatos de identidade, a revista, nessa análise de Mabel Moraña, parece atingir quase uma posição de *Deus ex machina*, que surge repentinamente para harmonizar, de maneira paternalista, aquilo que está desestruturado. Assim, mesmo que seja razoável entendê-las como mediadoras culturais, ao fazê-lo está-se, igualmente, a correr um risco, qual seja, considerá-las apenas como produtoras de discursos, como construtoras e ordenadoras do emaranhado caótico de representações do mundo “real”, sem levar-se em consideração o influxo que esse mesmo “real” em que circula, “esa superficie resistente, cruzada por la tensión de significaciones, hechos y fragmentos de discurso [...]”,³⁸ provoca na constituição de suas formulações. As revistas não somente manipulam, “interpretam” e “seleccionam”, mas, igualmente, seguindo o argumento de LaCapra³⁹, como intérpretes de um “real” textualizado, têm suas definições e perspectivas afetadas pelo objeto que tentam deslindar ou até mesmo transformar.

Além de estarem situadas em contextos que ambicionam modificar em diversas ocasiões, sobre os quais procuram formular interpretações inexoravelmente influenciadas por esses mesmos contextos, as revistas também representam um ateliê do ofício crítico e da prática teórica:

El medio intelectual no puede ser pensado sin referencia a un medio editorial, sin esa esfera que produce la existencia de la prensa y la evolución del periodismo; sin instituciones como la universidad u organizaciones específicas de los intelectuales, como las academias o las revistas.⁴⁰

³⁷ MORAÑA, Mabel. “Revistas culturales y mediación letrada en América Latina”. **Otra Travesía**, Ilha de Santa Catarina, 2003, nº 40/1, p. 68. (destaque nosso)

³⁸ SARLO, Beatriz. “El saber del texto”. **Punto de Vista**, Buenos Aires, 1986, nº 26, p. 6.

³⁹ LACAPRA, Dominick. “Rethinking intellectual history and reading texts”. **History and Theory**, 1980, nº 3, p. 247.

⁴⁰ ALTAMIRANO, Carlos. “Hay una tensión entre modernidad e identidad”. **La Nación**, Buenos Aires, 17 de julio de 2010, p. 18.

Seja como for, interessa frisar que as revistas, em especial na América Latina, têm proporcionado um espaço supranacional de pertencimento e de convívio para uma comunidade intelectual muitas vezes tida como insulada por fronteiras linguísticas, geográficas, sociais, culturais e por tantos outros limites demarcadores. Com efeito, a “pátria real”, que é encerrada em divisas rígidas, pode ser suplantada pela ubíqua “pátria intelectual”.⁴¹ Nas revistas da América Latina, “pátria intelectual” da *intelligentsia* do subcontinente, a transculturação proposta por Fernando Ortiz⁴² e revisitada subsequentemente por Ángel Rama ocorreu com menos obstáculos.

Embora o transcurso de suas histórias consiga atingir, no máximo, alguma duração, uma vez que tendem a existir como experiências efêmeras, as revistas de cultura abrigam, em seus interiores, nos seus textos, a agitada pulsação de deferentes níveis de periodização; a história como um todo folga muito em habitar seus discursos. A propósito, como se poderia refletir, com mais vagar, sobre a relação das revistas culturais e da consciência crítica que abrigam com o tempo em que são publicadas e lidas?

ANACRONIA DELIBERADA CONTRA A PSEUDODOXIA⁴³

“Podría vérsela así: más que un desafío al tiempo la revista es un desafío *en el tiempo*.” Com este tópico frasal, Pablo Rocca⁴⁴ introduz o primeiro parágrafo de seu ensaio sobre revistas culturais. Reserva, por um lado, para o livro, o reino da sincronia, da longa duração. Por outro, para a revista, o lugar da diacronia, do efêmero, do sempre esquivo presente.⁴⁵ Enquanto o livro concebe-se sob o manto do sagrado,

⁴¹ RODÓ, 1967 apud MAÍZ, Claudio. “Teoría y práctica de la ‘patria intelectual’. La comunidad transatlántica en la conjunción de cartas, revistas y viajes”. **Anos 90**, Porto Alegre, 2009, nº 29, p. 28.

⁴² ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, p. 90.

⁴³ O termo “pseudodoxia” foi-me sugerido pela leitura das reflexões de W. G. Sebald sobre Thomas Browne (1605-1682), autor de *Pseudodoxia Epidemica: Or, Enquiries Into Very Many Received Tenents, and Commonly Presumed Truths*, cuja primeira edição data de 1646. Como o subtítulo permite notar, Browne tem como objetivo questionar muitas “presumíveis verdades”. Daí a apropriação que faço do termo “pseudodoxia” para refletir sobre as revistas culturais, dada a qualidade essencialmente crítica que têm e tendo em conta a notável tarefa da crítica enquanto desveladora de falsas verdades. Cf. SEBALD, W. G. . **Os anéis de Saturno**. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁴⁴ ROCCA, Pablo. “Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano)”. *Hispanica*, 2004, nº 99, p. 3.

⁴⁵ O par expresso na “obsessão dicotômica” de Ferdinand de Saussure, sincronia e diacronia, empregado neste enunciado, tem a mesma acepção que lhe é conferida no ensaio de Marcos Maschio

pretende-se duradouro, perene, quando não eterno, a revista, amiúde, faz-se no jogo conturbado das relações de poder, no espaço de latência dos discursos, como instância de consagração de autores, cânones, projetos culturais, ideologias políticas. De todo modo, no sinuoso percurso da auratização de um livro muitas vezes poder-se-á encontrar uma revista cultural.

Quando se pensa na relação de revistas culturais com outros tipos de suportes, como os jornais, os termos podem ser invertidos. Aí, então, a antinomia identificada na fórmula (demorado, prolongado vs. transitório, passageiro) terá no jornal, de publicação diária geralmente, o lugar do *fait divers*, da informação rápida sobre o instante imediato e concreto e, na revista de cultura, quase sempre mensal, terá a marca da abstração e da análise que dominam sua densa e por vezes impenetrável topografia discursiva. Nessa inversão de termos, a revista cultural será, portanto, lugar de publicação de textos produzidos sob o signo de certo estranhamento ou distanciamento em relação àquilo que decorre na turbulência fugidia do instantâneo. Quando Borges pensou que uma revista se faz para o esquecimento,⁴⁶ terá imaginado porventura, também, em contradição consigo mesmo, que a polifonia de vozes que a orquestram, muitas vezes sob a batuta de um maestro habilidoso, como Victoria Ocampo em *Sur*, almeja, com frequência, a execução de uma música sem *coda*, de um som que não se dissipa, de um projeto intelectual que se quer estabelecer. De todo modo, efêmera ou duradoura, pelo menos no que tem que ver com o período em que circula, a revista de cultura é, por definição, um espaço da consciência crítica e, como tal, pode possuir diversas temporalidades. Entre as variadas dimensões de tempo abraçadas pelo exercício crítico, a anacronia não deve ser desprezada. Como bem observou o grupo editor de *El Ojo Mocho*, periódico argentino que se define como “revista de crítica política y cultural”:

[...] la dimensión crítica implica, siempre, un cierto estar a destiempo frente a la actualidad. Una anacronía que no busca en el pasado un origen posible desde donde fundar la experiencia actual, sino que simplemente se sitúa en él, para juzgar, desde su horizonte, el presente. Del mismo modo se coloca en el porvenir, como momento prospectivo necesario para evaluar todo lo que acaece. ¿Desde qué

Chaga sobre alguns efeitos no Brasil da polêmica entre Georg Lukács e Walter Benjamin. Cf. CHAGA, M. A. M. C. . Épocas históricas versus épocas cósmicas. **Uniletras**, Ponta Grossa, 2002, nº 24, pp. 227-228.

⁴⁶ BORGES, 1979 apud ROCCA, Pablo. “Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano)”. *Hispanica*, 2004, nº 99, p. 3.

tiempo venimos? y ¿hacia qué tiempo vamos? parecen ser las preguntas que atraviesan la crítica.⁴⁷

Este posicionamento intempestivo da atividade crítica em relação à atualidade não implica, obviamente, um insulamento, um autismo renitente e orgulhoso em relação às urgentes exigências do mundo circundante. A dimensão crítica, onde quer que se manifeste, ambicionará situar-se marginalmente em relação às centralidades temporais e espaciais, desejará estar fora do tempo e “fora do lugar”. Ou melhor, terá, antes, certa inclinação para desconfiar da dualidade centro e periferia que está na base do pressuposto de que as ideias podem ou estar dentro ou fora do lugar. A aceitação desse pressuposto poderia implicar a anuência com um tipo de “eugenia” ideológica de acordo com a qual existem, por um lado, aquelas ideias que são imaculadas e, por outro, aquelas que são conspurcadas, que são a profanação ou a degenerescência de uma pureza protegida sob o manto da unidade, da universalidade.

Acaso, uma ideia “no lugar” não será a melhor tradução do próprio lugar-comum, do estereótipo? O que será o estereótipo senão a quintessência de um discurso catalogado, fixado e dominante, como observou Raúl Antelo: “O estereótipo é sinal de irrecusável necrose verbal. Onde há um estereótipo, há um discurso do poder, brechando a possibilidade dos sentidos antagônicos, complexos ou mesmo contraditórios aparecerem.”⁴⁸ Os conceitos de “unidade” e de “pureza”, estes dois pilares da racionalidade moderna, quer sejam associados às ideias, quer sejam pertencentes à matéria menos intangível, quando empunhados com o objetivo de servir de estímulo para a formulação de axiomas tendem a redundar em ruinosos resultados, como lembra Bauman:

Os grandes crimes, frequentemente, partem de grandes idéias. Poucas grandes idéias se mostram completamente inocentes quando seus inspirados seguidores tentam transformar a palavra em realidade – mas algumas quase nunca podem ser abraçadas sem que os dentes se descubram e os punhais se agucem. Entre esses tipos de idéia, ocupa posição privilegiada a da visão da *pureza*.⁴⁹

⁴⁷ BOVERIO, Alejandro; CAPELLI, Darío & RODEIRO, Matías. “El Ojo Mocho, ¿nueva época?” **El Ojo Mocho**, Buenos Aires, 2011, nº 1, p. 4.

⁴⁸ ANTELO, Raúl. “A apatia do povo brasileiro como sátira. Entrevista concedida a André Dick e Márcia Junges.” **IHU On-Line**, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, edição 268, São Leopoldo, 2008, p. 8.

⁴⁹ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Destaque nosso)

Quando a ordem é submetida à prova, pode-se libertar uma desestabilizadora força de criação. Sem unidade e sem casticismo o que resta é o inominável e o vir a ser prenhe de possibilidades: “Aquilo que não tem nome, que não tem lugar, é pura potência. Pode ainda vir a acontecer. Mas, se acontecer, será sempre o desdobramento de uma força que vem do arquipassado.”⁵⁰ Será essa a força com a qual a América Latina e suas revistas culturais, com a vocação crítica que possuem, poderão movimentar a asfíxiante atmosfera de uma cultura ocidental estagnada?

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de “unidade” e de “pureza”: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.⁵¹

A contramão do que sugere Santiago com a noção de entrelugar desse discurso crítico, em sua expressão latino-americana, seria, talvez, algo semelhante ao velho mito heliodrômico, com o grande astro sol a refulgir e a conduzir a história para um desfecho glorioso. A consequência desse mito hegeliano é a aceitação de um “fim da história”, do culminar de uma trajetória, ao longo de um caminho-de-ferro, no seu irreversível rumo a um paraíso feito de um valor supremo que Santiago define como a “imortal estrela”⁵². Cúmulo do progresso ou de forças menos imanentes, esse lugar edênico tem resguardado anseios de redenção expressos, ora na parúsia, ora no regresso do rei desaparecido, ora na democracia liberal, ora na revolução, tome essa trajetória em busca do *télos* ou do Graal a forma que mais lhe agrada.⁵³ Como quer que seja, a periferia

⁵⁰ ANTELO, Raúl. “A apatia do povo brasileiro como sátira. Entrevista concedida a André Dick e Márcia Junges.”. **IHU On-Line**, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, edição 268, São Leopoldo, 2008, p. 9.

⁵¹ SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 16.

⁵² *Ibid.*, p. 20.

⁵³ Este anseio de plenitude, esta confiança historicista em um horizonte futuro conhecido *a priori*, zênite onde a graça poderá finalmente ser colhida, está expresso, como trauma, neste trecho do estudo de Rebecca Comay sobre a forma como a Revolução Francesa repercutiu, em sentido amplo, na filosofia alemã e, particularmente, em Hegel: “A Alemanha é para a Revolução Francesa, portanto, aquilo que Aquiles é para a tartaruga – eternamente procrastinando o seu encontro com um objeto que já ultrapassou e constantemente correndo atrás de algo que nunca conseguirá alcançar. A Revolução, sob este viés, opera, psicanaliticamente, como o inabarcável, como o impossível Real, e a ‘Ideologia

continua a querer ser como o centro e o centro permanece em sua prometeica busca pelo infinito, sem jamais encontrá-lo, como terá sugerido a evasiva Pitonisa a Cadmon, em sua infatigável procura pela extraviada irmã Europa.⁵⁴ Importa destacar que a consciência crítica estará sempre em movimento sem fixar-se em lugar algum, nem dentro nem fora, nem no centro nem na periferia, a não ser, talvez, no entrelugar, essa zona opaca e impalpável imaginada por Santiago.

Em suma, uma revista cultural, na qualidade de viveiro da produção crítica é, por definição, espaço de interpelação de estereótipos, independentemente da forma como venham a manifestar-se, conservadora ou progressista. Poderá haver um paralelo entre os predicados de uma revista cultural e as faculdades do agente secreto de Joseph Conrad, aquele que se imiscui nas ideias dominantes, revirando-as, desde uma perspectiva crítica, de um lado e de outro, para torná-las completamente anódinas no seu sentido original. Guardiães de projetos político-culturais, não apenas se preocupam em interpretar, mas, também, em contestar e intervir. Como afirma Beatriz Sarlo: “la sintaxis de la revista rinde un tributo al momento presente justamente porque su voluntad es intervenir para modificarlo”.⁵⁵ Como nem toda intervenção aspira à mudança na esfera da cultura ou no complexo tabuleiro de forças dos conflitos sociais, há também revistas com geografia ideológica de matriz contrarreformista, inclinadas à “síndrome termidoriana”. Seja lá como for, pouco pode prescrever ou anular-se em si mesmo sem que antes passe pelo seu escrutínio legitimador ou iconoclasta.

Alemã’ como a quimera que se mantém para sempre circulando ao redor desse Real. A filosofia se retroalimenta pelo deslocamento contínuo de um obscuro objeto de desejo – tão longe, tão perto, eternamente lembrado e perpetuamente antecipado, para sempre inatingível, posto que sempre já alcançado. O idealismo alemão é, neste sentido, nada senão o palco de um encontro infalivelmente perdido. Tal fantasia define a ‘*Misère* alemã’ por volta de 1800. O que Marx designa como ideologia alemã pode ser entendido como um tipo de trauma.” Cf. COMAY, Rebecca. **Mourning sickness: Hegel and the French Revolution**. Stanford University Press, 2011, pp. 23-24.

⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 7.

⁵⁵ SARLO, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”. **América**, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1992, nº 9-10, p. 10.

ARTIGO RECEBIDO EM 18/04/2017

PARECER DADO EM 14/06/2017



www.revistafenix.pro.br